

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

FERNANDA MERINO CARVALHO

“INOCÊNCIA ROUBADA: UMA VIAGEM POR DENTRO DO TRAUMA”

SÃO PAULO

2021

|

Fernanda Merino Carvalho

“Inocência Roubada: uma viagem por dentro do trauma”

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof. Dra Márcia Almeida Batista.

**SÃO PAULO
2021**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a disponibilização desta monografia para consulta pública e utilização como referência bibliográfica, bem como sua reprodução total ou parcial por processos de fotocopiadora ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: __/__/2021

E-mail: femerino32@gmail.com

CARVALHO, Fernanda Merino. “Inocência Roubada”: Uma análise do filme segundo a psicanálise. São Paulo, 2021 [Monografia de Bacharelado em Psicologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Fernanda Merino Carvalho

“Inocência Roubada: uma viagem por dentro do trauma”

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof. Dra Márcia Almeida Batista.

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marcia Almeida Batista – PUC – SP

Prof. Dra. Adriana Barbosa Pereira – PUC -- SP

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marcia Almeida Batista, pela paciência, disponibilidade e incentivo;

À Profa. Dra. Adriana Barbosa por gentilmente ter aceitado meu convite para ser parecerista;

À minha mãe, pelo apoio em tudo que eu resolvo fazer, mesmo que não concorde, pela persistência e pelo amor;

Ao meu pai, pelas lições de vida que eu tento aprender;

Ao meu padrasto, pela torcida silenciosa;

À minha tia Carla, pelo carinho e incentivo;

Ao meu primo Luís, pela amizade e o brilho nos olhos;

À minha avó Dirce, pelo cuidado desde sempre;

À minha tia Márcia, por ter me apresentado à espiritualidade, pelas risadas e todo carinho,

Aos meus guias incansáveis Vovó Maria das Cachoeiras e Caboclo Pena Branca pelos ensinamentos e amizade além da vida;

Aos meus amigos que tive a sorte de encontrar nesses 50 anos de PUC: Alan, Alexandre, Ananda, Bárbara, Beatriz, Bruna, Catarina, Gabriel, Gustavo e Lucas pelas conversas, carinho e apoio;

A Doutrina Vale do Amanhecer, pelo conforto aos corações em sofrimento, incluindo o meu;

Ao meu analista por ter embarcado comigo em uma viagem de Ônibus de dois andares em Londres;

Aos meus colegas de trabalho do CAPS Largo Treze.

RESUMO

O abuso sexual infantil é considerado um problema de saúde pública devido à alta incidência e graves consequências. O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre efeitos do abuso sexual na infância tendo como referência a abordagem psicanalítica, baseado no conceito de trauma para Sandor Ferenczi. Tem como objeto de análise o filme “Inocência Roubada” (2019), filme francês do gênero drama dirigido por Andréa Bescond e Eric Metayer, escolhido seguindo o critério de mostrar a vida adulta de uma criança abusada, explicitando suas consequências. Sob essa ótica, o referencial teórico de Ferenczi é suficiente e adequado para analisar as graves consequências do abuso sexual infantil na obra “Inocência Roubada”. Odette, a protagonista, em decorrência do abuso, desenvolveu defesas psíquicas estudadas por Ferenczi, como clivagem e identificação com o agressor, manifestadas no abuso de drogas, sexo indiscriminado, dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos saudáveis e falta de controle da vida profissional.

Palavras-chave: Trauma; Ferenczi; Filme; Infância; Abuso Sexual.

ABSTRACT

Child sexual abuse is considered a public health problem due to its high incidence and serious consequences. The study is bibliographical research on the effects of sexual abuse in childhood with reference to the psychoanalytic approach, based on the concept of trauma for Sandor Ferenczi. Its object of analysis is the film "Innocência Roubada" (2019), a French film in the drama genre directed by Andréa Bescond and Eric Metayer, chosen following the criterion of showing the adult life of an abused child, explaining its consequences. From this perspective, Ferenczi's theoretical framework is sufficient and adequate to analyze the serious consequences of child sexual abuse in the work "Inocência Roubada". Odette, the protagonist, as a result of the abuse, developed psychic defenses studied by Ferenczi, such as cleavage and identification with the aggressor, manifested in drug abuse, indiscriminate sex, difficulty in establishing healthy love relationships and lack of control over professional life.

Keywords: Trauma; Ferenczi; Film; Childhood; Sexual Abuse.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPÍTULO I: ESTUDOS SOBRE A CONSEQUÊNCIA DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA	9
2.1 Contextualização histórica da infância	9
2.2 Caracterização do abuso sexual e suas consequências	11
3. CAPÍTULO II: O TRAUMA EM FERENCZI	26
4. METODOLOGIA	35
5. CAPÍTULO III: ANÁLISE DO FILME	37
5.1 Linguagem da ternura e linguagem da paixão.....	37
5.2 Identificação com o agressor	38
5.3 Clivagem	39
5.4 O desmentido.....	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE- RELATO DO FILME “INOCÊNCIA ROUBADA” (2019).....	50

1. INTRODUÇÃO

Durante a disciplina “Psicanálise VI”, cursada no terceiro ano da faculdade, foi apresentado um breve panorama teórico do psicanalista Sandor Ferenczi, juntamente a Michael Balint e Donald Winnicott. Entre os textos de Ferenczi trabalhados estava o clássico “Confusão de línguas entre crianças e adultos” (1990).

Chamou-me atenção a análise do texto a respeito das consequências de abusos cometidos por adultos contra crianças, principalmente a parte do conceito de identificação com o agressor, o que explicaria o alto índice de transtornos psiquiátricos apresentados pelas vítimas.

A ideia inicial da pesquisa era abordar o conceito de trauma para Freud, Ferenczi e Winnicott, porém esse tema é muito amplo e foi necessário um recorte para que pudesse desenvolver o trabalho.

Comecei a procurar filmes que abordavam a questão das consequências do abuso sexual na infância jogando palavras chaves como “filme” e “abuso sexual infantil” no *Google*. Selecionei o filme francês “Inocência Roubada”, de 2019, que acompanha a vida adulta de Odette, vítima de abuso sexual com oito anos de idade.

No levantamento bibliográfico que fiz, encontrei diversas pesquisas quantitativas sobre os efeitos do abuso sexual infantil, e qualitativas com referencial psicanalítico, porém poucas usando especificamente Ferenczi como teórico. Já no desenvolvimento do conceito de trauma para o referido autor, não tive dificuldades para encontrar trabalhos elucidando o tema.

Neste trabalho, realizei uma análise do filme “Inocência Roubada”, discutindo a importância de estudar as consequências do trauma a partir do referencial psicanalítico, dando ênfase ao teórico Sandor Ferenczi.

Odette, em decorrência do abuso, desenvolveu defesas psíquicas que foram extensamente abordadas por Ferenczi (1990; 1992) em seus estudos sobre o trauma, como clivagem do ego e identificação com o agressor, manifestadas no filme em diversos sintomas, como abuso de drogas, sexo indiscriminado, dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos saudáveis e falta de controle da vida profissional.

Compreender a concepção teórica do trauma do psicanalista Ferenczi (1990; 1992) é importante a fim de orientar o manejo na análise de pacientes que vivenciaram situações traumáticas e entender os fenômenos clínicos que se apresentam ao psicoterapeuta.

2. CAPÍTULO I: ESTUDOS SOBRE A CONSEQUÊNCIA DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

2.1 Contextualização histórica da infância

A visão da infância sofreu diversas transformações de acordo com a época, e é muito importante se dar conta destas transformações para compreender o lugar que a infância ocupa atualmente.

Antes da revolução industrial, a criança incluída no mundo adulto muito cedo. Quando atingia a maturidade motora, a criança já era considerada apta a realizar as mesmas atividades que os adultos, inclusive as sexuais (MARQUES, 2006).

As crianças eram cuidadas por criadeiras, amas de leite ou mães mercenárias. Se ela morresse, como muitas vezes acontecia por causa da mortalidade infantil, a regra geral era não fazer muito caso, pois poderiam ter outras crianças. (ÁRIES, 1981, p.10 *apud* CALDEIRA, 2010). Além disso, o tratamento dado a uma criança do sexo masculino era diferente do tratamento recebido por uma criança do sexo feminino, pois as meninas eram consideradas como o produto de relações sexuais “corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76 *apud* CALDEIRA, 2010).

Na arte a infância não foi retratada até por volta do século XII, sendo que até o fim do século XVIII, não existiam crianças caracterizadas por sua expressão particular, sendo retratadas homens pequenos (ÁRIES, 1981, p.50 *apud* CALDEIRA, 2010).

Durante o período moderno na Inglaterra, as crianças estiveram bastante ausentes na literatura também, A criança era, no máximo, um personagem secundário mundo adulto (HEYWOOD, 2004, p.10 *apud* CALDEIRA, 2010)

Já no século XIII, a criança passou a ser compreendida como um sujeito com modos de pensar e sentimentos anteriores menos elaborados em relação aos adultos, cabia a eles desenvolver o caráter e a razão. Elas eram vistas como páginas em branco a serem preenchidas, preparadas para a vida adulta.

Nos séculos XV, XVI e XVII se reconheceu que as crianças precisavam de uma preparação, uma quarentena antes que pudessem integrar o mundo dos adultos (HEYWOOD, 2004, p.23 *apud* CALDEIRA, 2010).

A partir daí, a escola serviu para a preparação e a criança adquiriu uma importância no núcleo familiar, passando a ser um sujeito que precisa de cuidados (ÁRIES, 1981, p.12 *apud* CALDEIRA, 2010).

Com o surgimento do capitalismo e apoio do cristianismo, a criança passou a ser considerada um ser livre do pecado que deveria ser protegida pela família, que junto com a escola se tornam instrumentos de socialização, com o objetivo de contribuir para sua aprendizagem e desenvolvimento biopsicossocial (MARQUES, 2006).

Nos séculos XIX e XX, os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual, mas outrora desconhecida. A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ÁRIES, 1981, p.12 *apud* CALDEIRA, 2010).

Já nos dias de hoje, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC, 1998), as crianças são vistas como indivíduos que “possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. A partir do momento em que alcançou – se uma consciência sobre a importância da primeira infância, foram criadas políticas e programas que visassem garantir e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, que passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade.

A partir dos anos 80, a temática da violência intrafamiliar ganhou destaque em campanhas internacionais, em especial a violência sexual. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, surgiu com objetivo de garantir proteção integral a crianças e adolescentes, reiterando que é dever da família, sociedade e do Estado assegurar-lhes seus direitos e oferecer um ambiente saudável que seja capaz de proporcionar um bom desenvolvimento biopsicossocial (MEC, 1990).

Apesar desse contexto, o núcleo familiar acaba sendo um espaço da hierarquia e da subordinação caracterizado pelo domínio dos homens sobre as mulheres e de adultos sobre crianças (RIBEIRO; FERRIANI e REIS, 2004). Atualmente, mesmo com os vários direitos previstos em lei para proteção das crianças e dos adolescentes, eles ainda são as maiores vítimas de violência no Brasil (OLIVEIRA e SARTORI, 2019).

O abuso sexual contra crianças e adolescentes, por exemplo, é considerado pela Organização Mundial da Saúde (1999) como um problema de saúde pública, devido aos altos índices de incidência.

2.2 Caracterização do abuso sexual e suas consequências

A violência sexual contra crianças e adolescentes é definida pela *World Health Organization* (WHO) e pela *International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect* (ISPCAN) como a relação de uma criança ou adolescente em prática não compreendida totalmente, sendo esses incapazes de dar consentimento devido a seu estágio de desenvolvimento (OMS, 2006).

Estudos realizados mundialmente indicam que de 7% a 36% das meninas e de 3% a 29% dos meninos já foram abusados sexualmente (OMS, 1999). Em 2018 no Brasil, mais de 35.000 crianças e adolescentes de até 13 anos de idade foram vítimas de abuso sexual, pelo menos quatro abusados a cada hora (FBSP, 2019). Dados do Governo Federal para o mesmo ano indicam que o Disque 100 (Disque Direitos Humanos) recebeu 76.216 denúncias envolvendo crianças e adolescentes, sendo 17.093 dos registros referentes à violência sexual, com mais de 75% dos casos com vítimas do sexo feminino (MMFDH, 2019).

Com relação ao local de ocorrência das violências para com as crianças, incluindo a sexual, a residência é onde mais ocorrem violências e os autores de agressão mais frequentes são familiares, em especial pais e mães (NUNES e SALES, 2016). Entre os autores de agressão também estão familiares, amigos, vizinhos e conhecidos (BRASIL, 2010). A maioria dos abusos são praticados por alguém que possui algum vínculo com a criança ou a família. E os abusadores para manter a dinâmica da violência utilizam de mecanismos como a sedução, coerção, chantagem, ameaça e, na minoria das vezes, força (ABRAPIA, 2002; OMS, 2002).

O abuso sexual infantil pode ocorrer de dois modos, sendo eles: intrafamiliar, quando é cometido por pessoas responsáveis pela criança e que mantem algum vínculo afetivo com a mesma, ou extrafamiliar, no qual o abusador normalmente é alguém próximo à criança que ela conhece e confia (ABRAPIA, 2002).

Hohendorff e Patias (2017) desenvolveram um modelo de seis fases, que podem ocorrer de forma não linear, sobre as interações entre os agressores e as vítimas de abuso sexual infantil, que são: 1. Preparação: os agressores buscam se aproximar da criança para estabelecer confiança; 2. Episódios: o episódio de

violência sexual inicia-se através de carícias que mascaram a intenção do abusador, até chegar nas práticas de contato físico; 3. Silenciamento: o abusador faz o uso de ameaças ou barganhas para que a vítima não o denuncie e mantenha segredo sobre a violência sexual; 4. Narrativa: nessa fase, a vítima revela a violência sexual. Essa revelação pode ocorrer de forma direta ou indireta. 5. Repressão: quando os familiares ou responsáveis pela vítima não acreditam no discurso da mesma ao serem notificados sobre a violência sexual. 6. Superação: é o momento em que a vítima relata aos pais ou responsáveis o que ocorreu. Muitas vezes a família não sabe agir quando fica ciente da violência, principalmente quando ocorre dentro da própria família (OLIVEIRA E SARTORI, 2019).

Em algumas situações é mantido um segredo familiar, através de chantagens ou ameaças (ARAÚJO, 2002). Sobre isso, Florentino (2015) diz que o segredo carrega uma proibição de falar sobre os fatos, que pode ser explícita, ou implícita, ligada ao modo de comunicação não verbal, predominantemente quando abusador e vítima são da mesma família. Quando o abusador é uma figura que possui vínculos afetivos com a criança, o evento pode gerar a ela um sentimento de insegurança, solidão, desamparo e confusão, pois papéis e funções ficam registrados de forma ambígua, já que os atos acontecem junto com carícias que mascaram o abuso (ARAÚJO, 2002).

Choudhary et al. (2008) fizeram uma pesquisa relacionando violência sexual, saúde e comportamentos de risco entre homens e mulheres, acima de 18 anos, que reportaram terem sido vítimas de abuso sexual nos últimos doze meses que antecederam o estudo. Os dados foram obtidos através de uma pesquisa do Sistema de vigilância de fatores de risco comportamentais (BRFSS) de 2005, um programa contínuo de coleta de dados conduzido pelos departamentos estaduais de saúde, projetado para medir fatores de risco na população adulta dos EUA.

Os resultados indicaram que mulheres que sofreram violência sexual tiveram maior incidência de problemas de saúde mental, baixa satisfação com a vida, limitação de atividades, tabagismo e consumo de álcool. A associação entre saúde mental e física debilitada e a violência sexual foi mais alta em mulheres que em homens.

O estudo mostrou que mulheres que sofrem violência sexual apresentam índices mais altos de transtornos psicológicos e outros, como transtorno de estresse

pós-traumático, depressão, ansiedade, transtornos alimentares, distúrbios sexuais e distúrbios do humor.

Outros efeitos listados são maior consumo ou abuso de álcool e de drogas, problemas de saúde, redução da qualidade de vida e comprometimento do sentimento de satisfação com a vida, o corpo, a vida sexual e as relações interpessoais. A compulsão alimentar e o abuso de drogas e álcool são uma válvula de escape para as vítimas, uma forma de diminuir a ansiedade e reprimir as memórias traumáticas. Já o transtorno de estresse pós-traumático pode ser observado como mediador entre a violência sexual e os transtornos alimentares, como tentativa de impedir uma nova violência. Pode também estar relacionado ao desenvolvimento de transtornos sexuais, embora não esteja suficientemente esclarecido o papel do ato de penetração nessas disfunções.

Esse estudo também indica que as vítimas apresentam maior insatisfação com a vida sexual, perda de prazer, medo e dor, sintomas que podem permanecer por muito tempo. A relação com a autoimagem, a autoestima e as relações afetivas também são afetadas negativamente e diminuem a qualidade de vida. Existe permanência dessas consequências, que podem perdurar por muitos anos após o abuso.

No Brasil, o Ministério da Saúde (2012) publicou uma cartilha em que lista os impactos da violência sexual nas vítimas. As principais consequências são lesões físicas, DST's e danos à saúde mental, como ansiedade, depressão e suicídio.

Segundo uma pesquisa qualitativa desenvolvida por Margaret Lira, realizada com nove mulheres em um Centro de Referência da Mulher, na região do semiárido do Estado de Pernambuco com o objetivo de compreender repercussões do abuso sexual na vida adulta de mulheres abusadas sexualmente na infância, as implicações do ato passam a integrar a vida de muitas mulheres, resultando em baixa autoestima, depressão, comportamentos autodestrutivos, problemas sexuais, ideias homicidas e suicidas.

Outra pesquisa desenvolvida com alcoolistas que foram abusadas na infância encontrou uma ligação entre tentativas de suicídio e abuso sexual na infância, apontando esta vivência como o maior gatilho de tentativas de suicídio em dependentes de álcool (JAKUBCZYK A. et al, 2015).

Segundo Borges, Dell'aglio (2012), a baixa autoestima é uma das alterações emocionais mais frequentes e de maior gravidade, que se faz presente na infância e

se prolonga até a idade adulta. Além disso, nas repercussões da esfera comportamental, se destaca um padrão de se relacionar ligado a paralisação, entrega ou agressão. Ainda sobre consequências na vida adulta, Florentino (2015) escreve que, por ser considerado uma vivência traumática para o indivíduo, após o abuso é comum a manifestação de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático.

Malgarim e Benetti (2010) também discorrem sobre as mudanças no desenvolvimento cognitivo e emocional das vítimas; que variam de acordo com o tipo de vivência sexual experienciada. Essas crianças acabam apresentando sintomas de ansiedade, pesadelos, problemas na escola, isolamento, devido ao abuso sexual e ao transtorno de estresse pós-traumático decorrente do ato. Para elas, a experiência de submissão ao poder do adulto faz com que a experiência seja ainda mais traumática e invasiva, pois a vítima não consegue visualizar meios de reverter aquela situação.

Nota-se que diversos estudos prontificam-se a elucidar os efeitos na vida adulta do abuso sexual infantil. No entanto, é importante analisar o fenômeno a partir do ponto de vista da Psicanálise, permitindo maior entendimento sobre tais eventos.

Especificamente sobre a psicanálise, encontramos as pesquisas citadas a seguir. Em 2012, foi feito um estudo abordando a noção do trauma psíquico em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. A pesquisa qualitativa foi realizada pelos pesquisadores Arpini et. al. (2012) visando compreender a perspectiva acerca do abuso sexual e seus efeitos em crianças e adolescentes.

Foram feitos seis grupos focais com adolescentes do sexo feminino que frequentavam uma ONG na periferia de uma cidade no Rio Grande do Sul, com as seguintes perguntas disparadoras: o que é, como ocorre, como se sente e efeitos e consequências. Os resultados foram divididos em três categorias: “marcas que ficam: a noção de trauma”, “algo que fica para sempre: efeitos do trauma e sua difícil superação” e “proibido: dificuldade de falar e desamparo”.

As adolescentes identificam o abuso sexual como um trauma para o resto da vida, que acompanhará a vítima em todas as situações e nos relacionamentos interpessoais. Essa noção de trauma pode ser entendida como resultado da quebra de confiança com as figuras parentais, de quem elas esperam proteção e cuidado (ARPINI et al. 2012). Os pesquisadores ilustram a concepção das consequências causadas com os seguintes relatos (ARPINI et al. 2012, p. 92):

(A vida) foi muito marcada. [...] Pelo fato que aconteceu com elas, né, não era uma coisa que nenhuma guria quer que aconteça com ela. É uma coisa muito... ruim, muito difícil, ela nunca vai apagar isso da memória (B., 14 anos).

Ainda:

Ou, às vez(sic), não qué(sic) casá(sic) mais, não qué(sic) nada por causa que quando ela era pequena ela sofreu essa coisa, né, daí, por exemplo, ela tem medo, agora ela não qué(sic) mais sai de casa (D., 12 anos).

Para os autores, a fala da adolescente (L., 12 anos) demonstra a dificuldade de dar um sentido ao que aconteceu justamente o que constitui o traumático. A adolescente (D) em sua fala expressa a noção explorada por Ferenczi (1992), que escreve sobre a distorção que as crianças e adolescentes abusadas estariam submetidas, e que desloca os papéis familiares e coloca a criança em situação de desamparo.

A adolescente quando se indaga sobre o que fez estaria tentando encontrar um sentido e uma possível ação sua que explicasse ou a situação. Para Arpini et. al. (2012), essa indagação é parte da dinâmica em torno das situações que envolvem abuso sexual, como quando o autor tenta envolver a vítima e confundi-la sobre a autoria da cena, ao trazer seus desejos e gratificações. O abuso sexual intrafamiliar, relatado pelas meninas como o mais frequente, provoca uma confusão de papéis e funções. A figura paterna, que deveria prover amor e proteção, comete um ato que infringe as leis morais e vai além da capacidade de compreensão da criança, traindo a confiança dela.

Sentimentos de vergonha, medo e desamparo são despertados pela situação traumática e conflituosa, que envolve ameaças, culpa e o temor de ser incompreendendo no caso de uma revelação. Tais sentimentos evocam a confusão que se organiza, decorrente das ameaças, da culpa e do temor de ser incompreendido no caso de uma revelação, o que é bem evidenciado na fala das meninas (ARPINI et al. 2012, p. 94):

Pra mim, elas devem se sentir mal, porque é uma coisa que elas não querem fazer, ainda mais porque isso é ruim, né?' (L., 12 anos). [...] Eu acho que, como houve uma história, ela pode se sentir envergonhada, com medo de contar' (O., 12 anos). [...] Assim... ela, não..., eu acho que a pessoa se sente sozinha, envergonhada, porque daí ela não... ela só pensa de fica(sic) dentro de casa e não sair... (A., 13 anos).

Os autores escrevem que Pfeiffer e Salvagni (2005) relatam que a criança, ao sentir receio de não ser acreditada, tende a silenciar. O silêncio serve também ao medo de ser acusada e sofrer mais ameaças por parte daquele de quem depende física e emocionalmente. Essas inquietações, associadas à culpa, tendem a dificultar a denúncia, podendo levar a criança a se calar, muitas vezes, para toda a vida.

Para Ferenczi (1992), um primeiro movimento decorrente da situação de abuso indicaria recusa, ódio, repugnância e uma resistência violenta. A criança vai desenvolver um medo intenso, que irá impeli-la a submeter-se à vontade do agressor. O autor chama isso de identificação com o agressor. Essa identificação tem relação com a impossibilidade da criança em poder reagir ou contestar contra a autoridade e a força do adulto que a faz se calar, consentir e sentir-se culpada, confundindo o lugar de vítima e autor.

A criança ficará confusa entre a inocência e a culpa, o que torna ainda mais complexa a possibilidade de sua revelação, pois não está segura de ser apenas uma vítima de quem o adulto abusou. Essa dinâmica terá seus efeitos negativos no momento da revelação, sobretudo da pergunta feita por familiares: “Por que não falou antes?”. Tal interrogação frequentemente é entendida pelas adolescentes como se, ao não ter falado, deu sinais de que deve ter gostado, tal como conta esta adolescente (ARPINI et al. 2012, p. 94):

Ou, se não, se não a mãe pode pensa(sic) assim: ‘Ó, aí, tu só me conta agora!’, por exemplo, dali uns seis meses, dali um tempo, ela pode pensá(sic) que tu gosto, né. Pode ter gostado se tu não conta na hora (O., 12 anos).

Essa forma de ver o problema pode ampliar a noção de que a criança ou adolescente deve compartilhar a responsabilidade diante da situação, ou seja, não é somente uma vítima. Outro aspecto a ser destacado refere-se à dificuldade apontada pelas adolescentes com relação a como deve ser difícil para uma criança contar o que aconteceu. Pode-se pensar que a criança, tomada por um misto de sentimentos entre certo/errado, permitido/proibido, não encontrará as palavras certas para revelar algo ao qual não é possível atribuir um sentido (ARPINI et al. 2012).

Dessa forma, pode-se compreender o silêncio que atormenta a vida dessas crianças e adolescentes e entender por que muitas situações de abuso sexual somente foram reveladas por pacientes adultos em situação de tratamento

(FERENCZI, 1992). Rouyer (1997), ao se referir aos testemunhos de adultos que foram vítimas de abuso sexual na infância, sobretudo de incesto, menciona que as reações podem ser tardias, mas se manifestam em distúrbios da sexualidade e da parentalidade. Para a autora, a criança vítima de abuso sexual corre o risco de sofrer de uma psicopatologia grave, que perturbará sua evolução psicológica, afetiva e sexual. Em relação a esse aspecto, Lamour (1997) chama atenção para o fato de que as ameaças sofridas pela criança fazem que a revelação seja, muitas vezes, mais temida que o próprio ato. Segundo o autor, a criança teme a punição e a incapacidade dos adultos para protegê-la da violência de seu agressor.

A percepção das adolescentes demonstra que a situação de abuso é traumática, visto que para elas o abuso é decorrente de uma situação, forçada e que viola os direitos do indivíduo (ARPINI et al. 2012). A seguinte fala denota esse entendimento de que o abuso é uma violação que tem efeitos (ARPINI et. al. 2012, p. 93):

Eu acho que é um trauma pra criança, porque se ela foi forçada a fazê(sic passim) isso, algo que ela não qué(sic), ela vai acabá(sic) sendo prejudicada, ela pode se machucá(sic). [...] Ela pode apanhá(sic) pra fazê, então ela vai fica(sic passim) com medo, [...] daí ela vai ficá com trauma (O., 12 anos).

Os autores interpretam dizendo que Ferenczi (1992) explica que as crianças se sentem indefesas, por causa da autoridade que os adultos impõem e, assim, elas não conseguem denunciar. Na situação do abuso, é oferecido algo a criança que está além de sua compreensão, além da linguagem da ternura.

A seguinte fala diz respeito a uma distorção que as crianças e adolescentes abusadas sofrem por uma confusão a respeito dos papéis familiares, levando a uma situação de desamparo. Além disso, a adolescente ao se perguntar o que fez tenta encontrar um sentido ou algo que explique a situação. A mesma fala explicita a dúvida que o agressor tenta criar na vítima a respeito da autoria da cena, ao trazer seus desejos e gratificações (ARPINI et al., 2012, p. 93):

[...] agora ela deve tá assim... com muita dor quando ela fica pensado que o pai, o pai que viu ela nascer, que junto com a mãe dela teve ela... depois fazê(sic) isso com ela. Deve ser um pensamento muito difícil, deve pensar: "O que será que eu fiz? O que eu fiz pro meu pai chegar ao ponto de fazer isso comigo, de chegar ao ponto de não me tratar mais como filha?", né? (D., 14 anos).

Os autores sintetizam que o abuso sexual intrafamiliar, o mais relatado pelas adolescentes, provoca uma confusão de papéis e funções, pois a figura que deveria prover amor, cuidado e proteção, torna-se o algoz de um ato que viola as leis morais e vai além da compreensão da criança.

Segundo Arpini et. al. (2012) entre os efeitos do trauma estão sentimentos de vergonha, medo e desamparo. Tais sentimentos dizem respeito às ameaças, a culpa e o temor de ser incompreendida caso revele o abuso (ARPINI et. al., 2012, p. 93):

[...] agora ela deve tá assim... com muita dor quando ela fica pensando que o pai, o pai que viu ela nascer, que junto com a mãe dela teve ela... depois fazê(sic) isso com ela. Deve ser um pensamento muito difícil, deve pensar: "O que será que eu fiz? O que eu fiz pro meu pai chegar ao ponto de fazer isso comigo, de chegar ao ponto de não me tratar mais como filha?", né? (D., 14 anos).

Os autores destacam outro aspecto que refere-se à dificuldade apontada pelas adolescentes com relação a como deve ser difícil para uma criança contar o que aconteceu. A criança sem compreender o ocorrido, sem saber se foi vítima ou algoz, não encontrará as palavras certas para revelar algo ao qual não é possível de atribuir um sentido.

As adolescentes acreditam que a maioria das vítimas não revela que foi abusada sexualmente por vergonha e medo da reação dos pais ou que esses desacreditem de sua palavra (ARPINI et al., 2012).

Para os autores, a situação de abuso sexual envolve uma relação de dominação, na qual a vítima não possui condições suficientes para reagir devido a dominação psicológica (ARPINI et. al., 2012, p. 96):

Às vezes, também a pessoa que abusa, exemplo o pai, o pai abusa, daí a mãe não trabalha, tem um montão de filho e daí o pai sai pra trabalhá(sic), daí ela pensa assim: 'Bah, eu sei que ele abusa, mas se eu falá(sic) ele vai saí de casa e daí, como é que vai ficá(sic)?' (A. B., 13 anos).

Além disso, os autores escrevem que, na perspectiva das meninas, os familiares não acreditam na palavra da criança. Aparece a ideia de falta de compreensão e de abertura para o diálogo por parte dos pais, especialmente da mãe.

Os resultados deste estudo demonstram a complexidade da violência sexual. O trauma deixado pela vivência do abuso sexual, segundo as adolescentes, marca a vida da vítima. Além disso, elas acreditam que as crianças que vivenciam essas

situações não sentem vergonha e medo, além de se sentirem culpadas pelo abuso mesmo sendo vítimas (ARPINI et al, 2012)

É importante reconhecer que o silêncio tem uma função central na manutenção dessa situação. O segredo compartilhado pela vítima e autor é intensificado pela relação ameaçadora e culpa na qual a criança e o adolescente vítimas se encontram envolvidos (ARPINI et al, 2012).

Por fim, para as adolescentes, as vítimas apresentam dificuldades de denunciar a violência ocorrida em decorrência do medo e das ameaças e por outro lado, têm dificuldade de serem escutadas pelos familiares ou outras pessoas. (ARPINI et al, 2012).

No mesmo propósito de analisar o impacto do abuso sexual nas vítimas, um estudo qualitativo e quantitativo realizado por Del Bianco (2020) observou e analisou a depressão em mulheres atendidas na rede pública de saúde e sua relação com o abuso sexual na infância em comparação com um grupo controle de mulheres sem depressão.

Na análise quantitativa foi observada presença significativa de traumas infantis na amostra de mulheres deprimidas, quantitativamente superior à de mulheres sem depressão. A análise estatística demonstrou que quanto mais grave o trauma relatado pela mulher na infância, mais grave pode ser a depressão na fase adulta. Os traumas infantis mais relacionados à depressão foram negligência emocional e abuso (BIANCO, 2020)

Del Bianco (2020) escreve que os resultados vão ao encontro da teoria winnicottiana do desenvolvimento que descreve que a etiologia do adoecer psíquico está relacionada à ideia de dependência do ambiente. Na depressão, as falhas relacionais precoces acarretam problemas na administração no mundo interno pessoal no que diz respeito a destrutividade e culpa. Deste modo, o autor pode concluir que trauma infantil é um fator de risco para depressão na vida adulta.

Também foi observada alta prevalência de violência por parte de parceiros íntimos em mulheres deprimidas, comparada a de mulheres sem depressão, seja violência circunstancial ou crônica. Del Bianco (2020) considera que a violência é um fator de risco para a depressão, sendo mais gatilho do que causa em mulheres que já apresentavam dificuldades no mundo interno relacionadas a falhas ambientais, ao mesmo tempo em que essas dificuldades também tem efeito sobre a violência.

Os resultados mostram que tanto a depressão como a passividade em relação a violência doméstica têm relação com traumas ocorridos na infância, principalmente na fase de dependência relativa, quando a criança passou a ter problemas com culpa, com a capacidade para ambivalência e de tolerar a destrutividade, resultando assim numa inibição de personalidade. Experiências traumáticas na infância são fatores de risco para a depressão e para a permanência em situação de violência doméstica por parceiro afetivo (BIANCO, 2020).

Esses resultados foram interpretados através da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, que permitiu compreender que as modalidades patológicas em uma relação podem ser indicativas de falhas ambientais na infância das mulheres. Nesses relacionamentos, a criatividade tem pouco espaço e há perda excessiva do impulso pessoal (BIANCO, 2020).

Alguns relacionamentos podem tomar a forma de compulsão a repetição, ou seja, uma tentativa de regredir e integrar a personalidade vivências traumáticas que não puderam ser experienciadas, significadas e catalogadas em uma narrativa verbal. Também diz respeito a uma busca persistente pelo verdadeiro self. (BIANCO, 2020)

Por trás desse falso self submisso das mulheres analisadas existe um verdadeiro self que foi protegido no momento em que o ambiente passou a ser uma ameaça e não sustentou a criança no tempo e no espaço. O mundo interno passou a ser povoado por sentimentos e emoções difíceis de lidar, como culpa, medo, desamor, baixa autoestima, insegurança e raiva, assim os traumas da infância são revividos com o parceiro, assim como as reações psicológicas no momento do trauma. (BIANCO, 2020)

Para Del Bianco (2020), a constatação de que o ciclo de violência contra a mulher pode ter início na infância pode representar uma contribuição à psicologia clínica, pois a violência crônica contra a mulher deve ser abordada por uma terapia que permita a regressão à dependência no setting analítico. Além disso, frisa a importância de se trabalhar o corpo nessas situações (reações somáticas, emoções e sentimentos) e de haver um trabalho multidisciplinar e multiprofissional em casos que o setting tradicional não é suficiente.

Ainda sobre consequências do trauma, Inada e Naffah (2018) escreveram um artigo investigando a relação entre trauma infantil e crime sexual através da análise de processos penais, fundamentada em Freud, Stoller, Ferenczi e Winnicott.

O caso é de uma menina de 9 anos que desapareceu do parque onde brincava com outras crianças. Seu corpo foi encontrado dois dias depois.

De acordo com o estudo de Inada e Naffah (2018), um homem, C, que conhecia a família da vítima foi investigado e gerou suspeita pois seus álbis eram frágeis. O suspeito confessou o crime e contou que havia atraído a vítima convidando-a para buscar doces em sua casa. Disse que escolheu a vítima porque ela era a criança de maior estatura. No fim do depoimento, de modo descontextualizado já que ninguém havia perguntado nada, o criminoso disse que quando tinha oito anos foi abusado sexualmente por um homem muito grande.

Segundo os autores, ter sido abusado na infância foi traumático, pois o acontecimento foi algo cuja brutalidade estava além dos recursos que C. possuía para processá-lo, por ser apenas uma criança.

No artigo, a definição de trauma utilizada é a de Freud, que escreve que o trauma é

[...] uma vivência que, em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível de forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no funcionamento da energia (FREUD, 1916-1917/2014, p. 367 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Foca-se a perspectiva econômica do trauma apresentada em Freud (1920), a qual faz referência à ideia de tensão não descarregada.

Eles escrevem que o psicanalista explica que o incremento de estímulos é produzido por excitações externas fortes o suficiente para romper a proteção do organismo vivo e produzir uma perturbação no gerenciamento da energia. Com o princípio do prazer afastado, todas as defesas são acionadas, assim, o indivíduo busca eliminar a tensão a partir da ligação da pulsão com representações disponíveis.

Quando isso não acontece, ou seja, não há uma transcrição no sistema de representação, perturbações duradouras podem ser geradas. Essas perturbações podem ser, por exemplo, a necessidade de a experiência se repetir da mesma forma que foi produzida, ou seja, no real. Nesse sentido, representações não bastariam para que os instintos fossem contidos; estes, quando surgissem, procurariam se satisfazer, sem haver um crivo forte capaz de reprimi-los (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Os autores compreendem o crime cometido por C. como “o retorno no real da experiência traumática que não pôde ligar-se às representações a fim de permanecer na esfera psíquica e ser, de alguma forma, elaborada.” (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Naffah e Inada (2018) também analisam o caso a partir de Stoller (2015), que considera que o trauma pode solidificar a perversão. É preciso que tenha havido uma grande estimulação e, ao mesmo tempo, pouca descarga ou muito sentimento de culpa (STOLLER, 2015, p. 56 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018). A experiência traumática teria a potência de transformar imaginariamente um ato cujas características principais são a vingança e a hostilidade em um acontecimento positivo, de modo que cada elemento da cena do crime teria uma representação da história de vida do abusador (STOLLER, 2015 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018). Erotizar o ódio decorrente do ato do qual se foi vítima seria uma forma de preservar a sexualidade (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Stoller (2015) articula o trauma e o abuso sexual, assim como Freud (ano) fez quando começou a pensar o adoecimento psíquico: associou trauma e sintoma a partir de raízes na infância. A diferença é que, enquanto Stoller discorreu sobre a perversão, Freud se dedicou à neurose (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

A cena montada por C. assinala uma primeira conexão com o trauma através da inversão de papéis. Na infância, C. foi abusado por um homem grande, hoje ele abusa de uma menina grande. Para Stoller, isso representa o triunfo adulto sobre o trauma infantil, expresso pelo orgasmo (FERRAZ, 2001 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Para os pesquisadores, há muita hostilidade no caso. Segundo as reflexões de Stoller (2015 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018), ela está relacionada ao desejo do perverso de danificar o objeto na atuação de sua fantasia, convertendo o trauma em triunfo.

Stoller escreve sobre a desumanização do objeto por parte do perverso. O perverso, precisa esvaziar a vítima de suas características humanas, tornando-a um objeto, para garantir que a cena produza o prazer esperado. Para maximizá-lo, há que haver perigo. Em seu ato, C. correu risco de alguém vê-lo ou até mesmo chegar no local. Porém, por alguns momentos, o perigo quase fez C. reeditar o trauma, já que, por diversas vezes, não conseguiu manter a ereção por medo do perigo (INADA; NAFFAH NETO, 2018)..

Como a memória do trauma não pode ser apagada, o ato perverso precisa se repetir compulsivamente como um modo de cessar a manifestação. C., há alguns anos, já havia cometido outro crime sexual violento contra uma adolescente em uma necessidade de desfazer o trauma infantil (INADA; NAFFAH NETO, 2018)..

Assim sendo, Stoller afirma sobre a perversão: "Ela é excessivamente estável e, portanto, em geral não é passível de ser alterada, seja pelas experiências de vida do indivíduo, seja pela terapia" (2015, p. 188, *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

A partir de uma análise do caso sob a ótica de Ferenczi, os autores Inada e Naffah usam o conceito desenvolvido por ele de identificação da vítima com o agressor. Kahtuni e Paraná Sanches (2009, p. 211 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018) comentam sobre esse processo:

Sendo um dos possíveis efeitos do trauma na criança, a identificação com o agressor é um tipo de defesa psíquica no qual o sujeito confrontado com o objeto traumatogênico - normalmente uma figura de autoridade significativa -, identifica-se com seu agressor, compreendendo suas razões e introjetando sua culpa [...] O que acontece com o sujeito identificado com seu agressor é que ele, quando adulto, tenderá a se comportar com os objetos com os quais se relaciona do mesmo modo que os objetos agressores se comportaram com ele, quando ele era ainda uma criança indefesa. [...] É o que explica o fato de todo adulto perverso ter sido, em algum momento de sua história, vítima de abuso.

Os autores escrevem que isso conversa com o caso analisado, pois C. havia sido abusado sexualmente por um homem "muito grande" quando criança; então, identificado com o seu agressor, quando adulto, abusa da criança com maior estatura. O crime se repete por meio de uma inversão de papéis.

A identificação com o agressor como mecanismo de defesa visa a fazer o abusador desaparecer da realidade exterior e torná-lo intrapsíquico, com vistas a poder alucinar o acontecimento a fim de controlar psicicamente a experiência traumática. Mas o resultado final disso é a perpetuação do crime repetidamente (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Já Winnicott (1990) fala que diante de falhas ambientais insuportáveis forma-se um falso *self* patológico que protege o *self* originário, ficando entre ele e a situação traumática (WINNICOTT, 1990 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

O falso *self* patológico forma-se por meio de mimetizações e introjeções de traços ambientais. Isso é descrito como uma defesa psicótica, que ocorre no início da vida, quando o bebê se encontra ainda num estágio de dependência absoluta ou relativa do ambiente sustentador. Nos casos saudáveis, entretanto, o falso *self* surge

por um desenvolvimento normal do *self* infantil, sendo a sua face social e estando em contato com o *self* verdadeiro (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Os autores acreditam que seria possível no caso do abuso sexual mais tardio o acontecimento traumático produzir a transformação de um falso *self* até então saudável num falso *self* patológico, por meio de um processo de cisão entre os dois *selves* e de introjeção dos traços do agressor na estrutura do falso *self*.

Winnicott diz que a formação do falso *self* patológico se dá no começo vida do bebê para se proteger de falhas ambientais primitivas, porém nunca escreveu sobre essa formação no caso de um abuso sexual infantil, porém os autores acreditam ser possível que uma criança de oito anos ao ter uma vivência traumática incapaz de ser elaborada pelo *self* possa usar da cisão entre os dois *selves* como mecanismo de defesa. E por meio da introjeção dos traços do agressor ocorreriam transformações no falso *self*, tornando-o uma imitação do abusador (WINNICOTT, 1990 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Os autores escrevem que em sua teoria estão estendendo a cisão como defesa a um mecanismo da perversão. apesar de nos dois casos a cronologia da formação da defesa ser diferente, princípio básico é o mesmo, ou seja, o que está em questão é a proteção do núcleo isolado e incomunicável do *self* (WINNICOTT, 1990 *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Segundo Inada e Naffah (2018 p. 9),

a cisão constitui a defesa primitiva mais eficaz para a proteção do *self* infantil, quando o ambiente se torna insuportavelmente ameaçador, invasivo, imprevisível e incontrolável. É possível, inclusive, conjecturar que, diante da violação sexual insuportável, a criança de oito anos possa sofrer uma regressão momentânea a estágios mais primitivos, como forma de lançar mão de defesas características desses estágios.

É possível concluir que com a introjeção dos traços do abusador, agressor e vítima passam a conviver numa mesma psique, mas cindidos um do outro. É como no caso de C.: ele é capaz de estuprar e matar (por meio do falso *self*) e depois ir ao enterro da menina morta dar apoio a família (por meio do *self* verdadeiro, guardião da criança abusada que ele foi um dia) (INADA; NAFFAH NETO, 2018).

Os pesquisadores levantam a hipótese de que a repetição compulsiva do representa uma esperança mal sucedida por parte do criminoso de que o crime original seja, de alguma forma, punido e reparado através de sua prisão.

C. no fim acaba dando oportunidades para ser preso: vai ao enterro, presta solidariedade à família; não se protegendo para não ser descoberto, o que reafirma, para os autores, a hipótese da cisão de ego, pois para ele não era óbvio que seria descoberto (INADA; NAFFAH NETO, 2018). Para os autores o fato de C. ter dado a deixa para prendê-lo é como se, o criminoso tentasse, inconscientemente, promover uma reparação para o crime cometido, tanto o original quanto o que ele provocou. Porém, sem uma regressão terapêutica propiciada pela transferência analítica nenhuma experiência passada pode ser reparada no presente. O que significa que, quando C. for solto da prisão, a onda de abusos será reiniciada

Os autores consideram que as análises feitas pelos diferentes autores se complementam:

Freud traz a noção de trauma irrepresentável e compulsivamente repetido.

Stoller discorre sobre a perversão, “o prazer vivido a qualquer custo; o sadismo que estupra, mata e vilipendia para tentar transformar o sofrimento em triunfo em prazer sexual.” (2015, p. 188, *apud* INADA; NAFFAH NETO, 2018)

Já Ferenczi e Winnicott trazem uma visão do acontecimento que pode ser considerada como eminentemente trágica. Para eles, todos são puras vítimas. Como o crime atual é uma reedição de outros mais antigos, se fôssemos procurar o culpado por toda a série criminosa compulsivamente repetida, essa procura seria feita para sempre.

3. CAPÍTULO II: O TRAUMA EM FERENCZI

Ferenczi foi um dos primeiros psicanalistas a se deparar com casos clínicos graves, que sofreram impedimentos em seu desenvolvimento psíquico por consequência da ação do trauma decorrente de vivências que ultrapassaram a capacidade de defesa. Nesse contexto, cabe assinalar a importância do ambiente em oferecer a proteção e o cuidado necessários. (SERRANO; PEIXOTO JÚNIOR, 2014)

A experiência clínica de Ferenczi com esses pacientes apontou para a necessidade de ampliação do campo teórico em psicanálise. Em decorrência disso, novos conceitos e perspectivas precisaram ser desenvolvidos a partir da clínica, como a necessidade de redimensionar a questão do infantil, e do valor do objeto primário e seu papel nos processos de constituição e estruturação subjetiva (SERRANO; PEIXOTO JÚNIOR, 2014)

Por conta de sua experiência clínica, Sandor Ferenczi escreveu vários ensaios sobre a questão do trauma, principalmente a partir de 1929. Por um lado, para ele, há os traumas estruturantes e inevitáveis, como por exemplo a castração e o aprendizado das normas de higiene. Também há as situações traumáticas que, por não serem metabolizadas e integradas ao psiquismo, colocam em risco o projeto de identificação do sujeito (FAVERO; RUDGE, 2009).

As autoras escrevem que na teoria de Ferenczi sobre o trauma, fatores externos, principalmente o meio ambiente, que impõem mudanças no aparelho psíquico ganham mais importância que os fatores endógenos.

Na perspectiva de Ferenczi, o trauma depende de uma falha na relação entre o sujeito e o outro, é fundamentalmente o resultado de uma ação de um outro sobre aquele que é traumatizado (FAVERO; RUDGE, 2009).

Uma primeira concepção do trauma como estruturante do sujeito encontra-se nos textos de Ferenczi das décadas de 1910 e 1920 (FAVERO; RUDGE, 2009). O autor escreve que desde o trabalho “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, Ferenczi (1992) já escrevia sobre a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe, considerada o primeiro objeto de amor para a criança.

Segundo Ferenczi, as primeiras relações mãe bebê são traumáticas para a criança, pois através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo meio ambiente, em uma época em que todo bebê

ainda sente que ser amado e se sentir o centro do mundo é seu estado natural. Isto acaba com o sentimento de onipotência do bebê e ele passa a reconhecer nele próprio sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico. (FAVERO; RUDGE, 2009).

Para Favero e Rudge (2009), a partir da década de 1920, Ferenczi tenta explicar as relações entre a sedução, as fantasias infantis precoces e os traumas sexuais infantis. Para ele, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inevitáveis e valiosas para o enriquecimento fantasístico; a vivacidade da vida fantasística está ligada aos acontecimentos vividos na infância, os traumas sexuais infantis. Na ausência desses, o resultado pode ser a pobreza da vida fantasística. O autor considera que certa quantidade de experiências sexuais, longe de prejudicar mais tarde a normalidade, a favoreceriam (FAVERO; RUDGE, 2009).

Na visão das autoras, ao explicitar as interações entre fantasias sexuais infantis e experiências de sedução na infância, Ferenczi (1992) valoriza a vertente estruturante do trauma, já que uma certa quantidade certa de experiências sexuais vividas através da sedução sexual infantil funciona como proteção a problemas do desenvolvimento.

No trabalho “Análises de crianças com adultos” (1931), assim como em “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933), “Diário clínico” (1932) e “Reflexões sobre o trauma” (1934), Ferenczi apresenta um valor patogênico ao trauma, ao abordar o tema da sedução sexual infantil de uma forma diferente da apresentada em “As fantasias provocadas” (1924) (FAVERO; RUDGE, 2009).

É principalmente nos anos 1930 que Ferenczi destaca a noção de trauma e passa a entender o trauma como se constituindo em dois tempos (FAVERO; RUDGE, 2009). As autoras escrevem que no Ferenczi tardio, o trauma é resultado de um primeiro momento, em que um evento real acontece, a sedução do adulto frente a demanda de carinho pela criança e um segundo momento em que a criança é desmentida por um adulto.

Neste trabalho, optei por abordar apenas os textos pós 1930. Também o foco deste trabalho é na perspectiva do trauma patologizante, decorrente do abuso sexual e desorganizador do aparelho psíquico.

A fim de exemplificar o trauma patologizante, a ideia da confusão de línguas é introduzida por Ferenczi no texto “Confusão de língua entre o adulto e a criança”.

Nele, Ferenczi (1984) conta que em uma sedução incestuosa de uma criança por parte de um adulto, o adulto e a criança se amam e a criança tem fantasias lúdicas como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto, e mesmo que tome formas eróticas, a brincadeira para a criança permanece ao nível da ternura.

Para os adultos com predisposições psicopatológicas, as brincadeiras das crianças são confundidas com os desejos de uma pessoa madura e eles se deixam levar sem pensar nas consequências. Em uma sedução incestuosa, o que ocorre de pano de fundo é a confusão de línguas entre adulto e criança: de um lado, os desejos de um adulto que atingiu a maturidade sexual e, do outro, um jogo ao nível da ternura. Nesse caso, o adulto confunde a ternura da criança com amor carnal (FERENCZI, 1984).

Sandor Ferenczi (1984) reitera o fator patógeno da violência sexual inicialmente colocada por Freud e discorre sobre as consequências do abuso sexual nas crianças, que para a teoria do autor, se configura como o primeiro momento do trauma.

O autor escreve que segundo tempo do trauma é o desmentido por parte de outro adulto, a quem a criança procura em busca de um amparo frente a essa experiência desorganizadora e recebe como resposta o silêncio ou a negação do abuso e das impressões infantis, o que impossibilita a criança de dar um sentido ao ocorrido e confere ao trauma um caráter ainda mais desestruturante. Sem a ajuda de um adulto para reconhecer o sofrimento e a perplexidade infantil, que possa ajudar para que a criança atribua ao acontecimento algum sentido e ele seja metabolizado psiquicamente, a criança fica abandonada as próprias defesas psíquicas.

A criança para de confiar em seus próprios sentidos e no familiar e emerge então uma angústia inominável, decorrente do desamparo em que ela se encontra (FERENCZI, 1984). As crianças se sentem física e moralmente indefesas, e, mesmo mentalmente, elas não conseguem protestar. A força e a autoridade esmagadora dos adultos as submetem. Quando esse temor se torna difícil de suportar, elas se submetem à vontade do agressor, obedecendo-o, esquecendo totalmente de si e se identificando por completo com ele (FERENCZI, 1984).

A identificação com o agressor ocorre quando o medo da criança diante do poder do adulto provoca uma perda de consciência que paralisa as reações de repulsa ou resistência à agressão e impossibilita qualquer tipo de defesa contra o

desprazer. Nesses casos, a solução encontrada pelo psiquismo é tornar o agressor intrapsíquico:

Por introjeção do agressor, esse desaparece enquanto objeto externo e se torna intrapsíquico, estando submetido ao processo primário, ou seja, o que intrapsíquico pode ser reinventado de uma maneira alucinatória, positiva ou negativa, seguindo o princípio do prazer (FERENCZI, 1992).

Assim, a agressão cessa de existir enquanto realidade exterior, se tornando realidade interior, e a criança consegue manter a ternura anterior. Porém, a identificação com o adulto introjeta seu sentimento de culpa. A brincadeira agora aparece como um ato que merece castigo (FERENCZI, 1992).

Para Ferenczi (1992), as crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade frágil as impede de protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade dos adultos que as calam, podendo até fazê-las perder a consciência. Quando o medo atinge um ponto culminante, obriga-as a submeter-se do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com ele.

Para Mendes e França (2012), o agressor, anteriormente externo, passa a ser submetido ao processo primário, modelado segundo o princípio do prazer. Eles escrevem que tal processo resulta na minimização da ameaça externa, porém provoca a clivagem do próprio ego. Assim, a identificação com o agressor parece instalar duas figuras no psiquismo: a criança abusada e maltratada, que representa o ego fragilizado, e o agressor, que representa o superego sádico. Os resultados dessa interação entre as duas figuras psíquicas podem se dar de formas diferentes.

Quando não é possível as percepções e sensações da experiência traumática serem recalçados, devido à radicalidade do acontecimento ou à própria fragilidade infantil, o psiquismo pode ser obrigado a defender-se da excitação massiva através da rejeição e clivagem, o que abre caminho para o estabelecimento da identificação com o agressor (MENDES e FRANÇA, 2012).

Segundo os autores, ao tentar manter a vivência traumática isolada no psiquismo, sem assimilação ao restante dos conteúdos psíquicos, consegue-se controlar a angústia, mas decorre dessa atitude um desligamento entre o ego e a realidade que pode encontrar expressão na exigência de submissão de si próprio e nas perversões, através da repetição estereotipada, em ato, dos abusos sofridos.

Essa estratégia do psiquismo na qual o ego fica obrigado a seguir os comandos do invasor para tentar se livrar de sua tirania e perseguição está ligada a repetição compulsiva do trauma e atrelada a uma diminuição da atividade psíquica (SALES; OLIVEIRA e PACHECO-FERREIRA, 2016).

Se o psiquismo não puder suportar a parte que representa o agressor, esse será projetado para o mundo externo, isso facilita encontros nos quais o objeto irá "encarnar" essa projeção, sendo levado a agir como um sádico. Diante do agressor, o indivíduo se renderá a submissão e a obediência, uma reedição da cena traumática na qual foi obrigado a se calar para sobreviver. Nesse arranjo da identificação com o agressor, entendemos que o ego, mesmo submetido e maltratado, é preservado em alguma medida (MENDES, 2011).

A outra configuração possível da identificação com o agressor é quando a parte violentada e frágil é considerada insuportável, assim o indivíduo a projeta para o exterior. Ele tentará destruir o que projetou no mundo externo, assumindo ele o comportamento daquele que o agrediu, geralmente com alguém que considera semelhante a si mesmo quando era submetido à agressão, tendo como alvos crianças mais novas pela fragilidade. Apesar do sadismo e a agressividade voltada para o meio externo, o masoquismo também está presente, já que o indivíduo passa a agredir seu ego infantil maltratado projetado no outro (MENDES e FRANÇA, 2012). Nesse caso, há uma perda de contato com o seu mundo interno e com a realidade circundante (MENDES, 2011).

Neste sentido, Uchitel (2001 *apud* MENDES e FRANÇA, 2012) afirma que a criança identificada com o agressor "é triplamente vítima, por não ter o objeto idealizado que perde, por ser objeto de agressão e por tornar-se ele mesmo em agressor.

A partir da identificação com o agressor, o Eu da criança divide-se em duas partes, tornando-se ao mesmo tempo inocente e culpada (FERENCZI, 1992). Uma vez instituída a clivagem no Eu, o desenvolvimento emocional do sujeito estará invariavelmente comprometido (SALES; OLIVEIRA e PACHECO-FERREIRA, 2016). A clivagem manterá o núcleo da personalidade infantil preso de alguma forma ao momento da violência (FERENCZI, 1992).

Outra possível consequência que cita Ferenczi (1992) é uma maturação precoce emotiva e intelectualmente, identificando-se totalmente com os adultos. Esse saber precoce é designado como *progressão traumática*. Ferenczi (1984)

ilustra a progressão traumática através da comparação com o amadurecimento precoce de um fruto em virtude da bicada de um pássaro. O rompimento entre inteligência e sentimento é o que permite a coexistência de um estado emocional embrionário com uma sabedoria intelectual como a de um filósofo compreensivo, matemático e inteiramente objetivo. Tal sabedoria, então, se sustenta na ausência de ligação entre os pensamentos e os afetos (MELLO; FERRÉS-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2019).

Mello, Féres-Carneiro, & Magalhães (2015) escrevem que no caso do intelecto desligado do afeto adquire “ares de autossuficiência, despertando uma sensação de triunfo e um mínimo de apaziguamento, a despeito do traumatismo”.

Nesse sentido, haveria uma idealização da sabedoria ao invés da vulnerabilidade, impotência e imprevisibilidade, advindas do traumático (MELLO; FERRÉS-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2019).

Em um artigo publicado postumamente em 1934, intitulado "Reflexões sobre o trauma", Ferenczi escreve sobre o tema da comoção psíquica e os efeitos do choque traumático, como por exemplo o abuso sexual, que são a aniquilação do sentimento de si e abandono de si sem resistência.

O fator surpresa, segundo o autor, causa uma mudança autoplástica no psiquismo, devido ao fato de que o choque irrompe intensamente e sem preparação, pois é precedido por um sentimento de segurança e confiança em si e no entorno.

Ferenczi (1992) pontua que nesse estado de transe traumático, nenhuma impressão é percebida, não havendo defesa possível. Nenhum traço mnêmico subsiste dessas impressões, nem mesmo no nível inconsciente, sendo a origem desse trauma inacessível pela memória. O que haverá é a repetição desse trauma por outra via que não a representacional. (SERRANO, S; PEIXOTO JÚNIOR, C.2014)

Em “Análise de crianças com adultos”, texto transcrito de uma conferência realizada em 1931, Ferenczi afirma que se na situação analítica, o paciente se sente ferido, abandonado, ele se põe a brincar sozinho, como uma criança desprezada, tal como em uma situação traumática. Ele diz que o abandono acarreta uma clivagem da personalidade, uma parte da pessoa desempenha o papel de pai ou mãe da outra parte, e assim dá fim ao abandono e isso pode ser interpretado de duas maneiras. Há a resistência passiva de uma parte que se opõe às agressões

externas, mas ao mesmo tempo tem uma parte sensível e destruída e outra que sabe tudo, mas nada sente.

O autor também se debruça sobre o mecanismo da traumatogênese: o que torna o traumatismo patógeno, quando se manifesta a paralisia do pensamento e da mobilidade frente a experiências excessivas, é a negação dos fatos, ou seja, a afirmação por parte do objeto de confiança de que nada ocorreu.

Assim, a criança se sente abandonada, perde o prazer de viver e volta a agressão contra sua própria pessoa. As manifestações que se apresentam em análise, nesses casos, constituem a reprodução dessa agonia psíquica e física, cujo sentido lhes foi impedido, o que ocasiona uma dor incompreensível e insuportável. (FERENCZI, 1992)

Nesse texto, Sandor Ferenczi (1992) também menciona um sonho comum do “bebê sábio” para exemplificar a *autoclivagem narcísica*. Trata-se de um sonho em que um bebê recém nascido ou de berço começa a falar para dar conselhos aos pais e outros adultos. Ferenczi (1992) narra que um paciente que contou esse sonho, posteriormente tomou contato com uma experiência de traumatismo sexual no começo de sua infância. Ele explica que a pressão de um perigo iminente faz com que um fragmento do indivíduo se cinde sob a forma de uma auto percepção que quer acudir em ajuda e que todas as crianças que sofrem muito física e moralmente, se tornam sábias e tendem a maternar os outros.

Em seu *Diário Clínico*, compilado de notas escritas por Ferenczi durante o autor também discorre sobre o conceito de trauma e suas consequências. Em uma nota de 27 de julho de 1932 que tem como título a questão *O que é traumático: uma agressão ou suas consequências?*, Ferenczi afirma a capacidade de adaptação das crianças muito pequenas ao trauma, enfatizando o caráter da confusão traumática como consequência da reação ambiental, mais propriamente, dos adultos em quem a criança confia.

Ferenczi (1990) escreve que a solidão traumática, a interdição e a vontade de interdizer do pai, a surdez e a cegueira da mãe é o que torna a agressão traumática, cabendo ao ser que fica ajudar-se a si mesmo, dividindo-se naquele que ajuda e naquele que é ajudado. Ferenczi (1990) também destaca o papel do objeto, do outro significativo, na manutenção da coesão psíquica.

Ele escreve que o reconhecimento e a afirmação do próprio ego como entidade realmente existente, preciosa, de dimensão, forma e sentido determinados, só pode

ser adquirido se houver interesse positivo do mundo circundante caucionando assim de algum modo, mediante uma pressão externa, a consistência dessa forma de personalidade. Sem isso, para Ferenczi, o indivíduo tende a explodir, a dissolver-se no universo.

Nesse sentido, Ferenczi (1990) diz que, após a ocorrência da agressão sexual, o amparo e acolhimento que um adulto pode dar à criança funciona como uma reparação, dando "espaço" a ela para reconstituir-se e recuperar-se. Segundo ele:

O socorro que oferece o regaço materno e o amplexo de braços sólidos permite um relaxamento completo, mesmo depois de um trauma arrasador, de tal sorte que as forças próprias da pessoa abalada, não perturbadas por tarefas exteriores de precaução ou de defesa, podem ser consagradas, sem se dispersar, à tarefa interior de reparação das perturbações funcionais causadas pela penetração inesperada (FERENCZI, 1990, p. 104).

Para ele, quando o adulto não oferece esse amparo, resta o desamparo. Assim, a solidão traumática dará as condições para o estabelecimento da clivagem narcísica. Em seu diário clínico, o autor afirma que essa clivagem provoca um estado de mimetismo que, como um reflexo condicionado, incita apenas a repetições (FERENCZI, 1990). Ainda sobre a clivagem, Ferenczi (1990) escreve que

A pessoa divide-se num ser psíquico de puro saber que observa os eventos a partir de fora, e num corpo totalmente insensível. Na medida em que o ser psíquico ainda é acessível aos sentimentos, incide todo o seu interesse no único sentimento que subsiste de todo o processo, isto é, o que o agressor sente. (FERENCZI, 1990, p. 142)

Ferenczi (1990) também escreve que outra possível consequência do trauma é a incorporação do agressor devido a uma situação de transe traumático, na qual o desprazer decorrente do abuso dá lugar a ternura perdida, esperando assim anular os efeitos do choque traumático.

Ferenczi (1990) postula que após o choque a vítima pode ser socorrida. Segundo ele, a criança está confusa e nada pode dizer sobre o que aconteceu. Por ela procura alguém de confiança na esperança de encontrar algum sentido, ou ao menos um testemunho. Quando a atitude dos pais ou cuidadores é de desautorizar a criança, a criança cede e deixa de sustentar sua própria opinião a tal respeito (Ferenczi, 1990).

Fica-se com a maior parte do interesse suspenso no outro mundo, e o fragmento restante é apenas forte para viver uma vida de rotina (FERENCZI, 1990, p.66).

A questão do trauma, como vimos, está presente desde seus artigos iniciais e de tal forma que podemos considerá-lo como o fio condutor da sua concepção clínica e teórica (SERRANO e PEIXOTO JÚNIOR, 2014). Ao investigar as consequências geradas pelas vivências desestruturantes para o psiquismo e ao criar meios terapêuticos para abordá-los, modificando a técnica analítica em alguns momentos de seu percurso, o psicanalista húngaro contribuiu para a compreensão da psicose e dos casos difíceis da prática clínica. (SERRANO e PEIXOTO JÚNIOR, 2014).

4. METODOLOGIA

A escolha pela metodologia se deu considerando que o método psicanalítico consiste em observação, investigação e interpretação, características que estão intrinsecamente ligadas na medida em que a observação visa a investigação do objeto de estudo e a busca pelo sentido oculto, inconsciente que revela o sentido do sintoma ou a estrutura psíquica do sujeito (WEINMANN, 2017).

No caso da análise de uma obra, o analista em atenção flutuante busca um sentido latente dentro da obra, conteúdos reprimidos tanto no autor como no observador, concebendo uma comunicação inconsciente a inconsciente e tornando possível uma reconstrução do processo criativo a partir da emoção sentida pelo espectador (WEINMANN, 2017).

Assim, mesmo sem as associações do autor, pode-se chegar a uma interpretação do conteúdo inconsciente por meio do analista que fará as associações suscitadas pelo material, através das pistas inconscientes e de como estas o atingem emocionalmente, confirmando o sentido desta interpretação em outras partes da obra (MEZAN, 1985 *apud* WEINMANN, 2017).

A pesquisa em psicanálise não visa o apagamento do sujeito, pois não exclui o desejo do pesquisador e promove o saber inconsciente em seu modo de trabalho. Nessa perspectiva, há uma subversão da noção de sujeito na psicanálise, que se diferencia do sujeito concebido pelo pensamento científico (LAMEIRA et al., 2017).

No caso de análise da cultura, dependendo do objeto de estudo, como no caso de uma estátua ou uma pintura, por exemplo, a atenção flutuante do analista estará voltada para o olhar, que será o meio de contato com a obra (WEINMANN, 2017).

Segundo Weinmann (2017), a emoção que a obra de arte pode despertar ao analista, lhe permite sentir de maneira contra transferencial, as sensações oriundas do autor e de seu inconsciente, que o marca na obra.

A associação livre do analista e a contratransferência provocada pela emoção da obra de arte é semelhante à situação clínica durante a sessão, pois o analista em atenção flutuante também “associa” os conteúdos do discurso do paciente e faz ligações que tenham algum sentido, junto à emoção contida nas representações. Porém a obra de arte não associa, apenas oferece o material, enquanto o paciente oferece o material através da associação livre (WEINMANN, 2017).

Estas aproximações fazem parte da execução do método psicanalítico para a análise. A Psicanálise, seja ela clínica ou aplicada, obedece a critérios

metodológicos comuns. A análise psicanalítica não é aquela que utiliza das técnicas, teoria ou conceitos da Psicanálise e sim a que utiliza o método psicanalítico como ferramenta de análise (WEINMANN, 2017).

Outro fator importante da psicanálise aplicada é a verificação da hipótese formulada. Esta deve ser testada em outro ponto do material analisado a fim de confirmar o efeito emocional no analista, ou se o fenômeno foi uma projeção do próprio analista sobre a obra (WEINMANN, 2017).

Para Weinmann (2017), a partir da formulação e verificação das hipóteses, abre-se caminho para o estudo metapsicológico dos dados obtidos. Tanto no sentido de um exercício de revisão teórica, ou seja, elucidar o fenômeno em questão segundo um ponto de vista teórico, comparando-o com a nova hipótese.

No caso desse trabalho, a autora entrou em contato com a obra através da atenção flutuante, implicando-se subjetivamente na análise e na descoberta de conteúdos inconscientes contidos na obra e sua interpretação. Em concomitância com isso, realizou a revisão teórica, o que permitiu demonstrar uma das facetas contidas no filme.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre os efeitos do abuso sexual na infância tendo como referência a abordagem psicanalítica, baseado no conceito de trauma para Sandor Ferenczi. Tem como objeto de análise o filme “Inocência Roubada” (2019), longa metragem francês do gênero drama escrito e dirigido por Andréa Bescond e Eric Metayer, escolhido pela autora seguindo o critério de mostrar a vida adulta de uma criança abusada, explicitando suas consequências.

5. CAPÍTULO III: ANÁLISE DO FILME

Neste capítulo se discutirá o conceito de trauma de Sandor Ferenczi (1990-1992) a partir de algumas cenas escolhidas pela autora do trabalho. Essas dividiram-se nas seguintes categorias: “Linguagem da paixão e linguagem da ternura”, “Identificação com o agressor”, “Clivagem” e “O desmentido”.

O filme *Inocência Roubada* (2019) apresenta um enredo propício para que se discuta sobre o trauma e seus efeitos, a partir da perspectiva de Ferenczi (1931-1932-1933-1934/1992).

Inocência Roubada (2019) é o título em português para o filme *Les chatouilles*, dirigidos pelo ator Éric Métayer e pela dançarina Andréa Bescond, a qual foi vítima de abuso sexual na infância e usou a experiência para compor uma obra que mescla o trauma e a dança.

A história é contada entre cenas do passado, do momento em que é abusada pela primeira vez em diante, e do presente, através de memórias de Odette que são relatadas a terapeuta, mesclando realidade e fantasia.

A primeira cena que acompanhamos de Odette criança é de um homem que entra no quarto e lhe propõe uma brincadeira de boneca, porém logo entende-se que é uma investida sexual que o adulto faz à criança. A porta rosa do quarto onde a menina brinca abre e vemos Odette adulta na sala de psicoterapia.

Assim, cenas em que ela vivencia o abuso sexual cometido por Gilbert miguié, amigo da família vão sendo mostradas, porém sem a narração de Odette, apenas em forma de memória.

5.1 Linguagem da ternura e linguagem da paixão

Em uma cena, Odette vai passar o final de semana, a contragosto, com a família de Gilbert. Quando todos estão dormindo, Gilbert a acorda e masturba a menina. Quando ela vocaliza o desprazer, ele pede para ela fazer silêncio e diz a ela que era gostoso sentir cócegas.

Tal passagem explicita o que Ferenczi (1984) estar sob o domínio da linguagem da ternura e o adulto sob o da paixão, com uma sexualidade diferente da infantil. Mesmo sob uma investida sexual, Gilbert a confunde mais uma usando uma linguagem lúdica para tal ato e impõe a ela a linguagem da paixão.

Ferenczi (1984) escreve que em uma sedução de uma criança por parte de um adulto, o adulto e a criança se amam e a criança tem fantasias lúdicas como

desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. Mesmo que tome formas eróticas, a brincadeira para a criança permanece ao nível da ternura.

Os adultos abusadores confundem as brincadeiras das crianças desejos sexuais de uma pessoa madura. Em uma sedução incestuosa, o que ocorre de pano de fundo é a confusão de línguas entre adulto e criança: de um lado, os desejos de um adulto que atingiu a maturidade sexual e, do outro, um jogo ao nível da ternura. (FERENCZI, 1984).

Em todas as vezes que Miguié abusa da menina, Odette não resiste, o que corrobora a visão de Ferenczi (1984) que escreve que após o abuso a criança é tomada por um medo intenso, se submetendo à vontade do agressor.

5.2 Identificação com o agressor

Uma das possíveis consequências do abuso sexual na infância, segundo Ferenczi (1933) é a identificação com o agressor. Segundo ele, o agressor desaparece enquanto objeto externo e é introjetado. A agressão então deixa de ser uma realidade exterior, se tornando realidade interior, e a criança consegue manter a ternura anterior ao abuso. Porém, a identificação com o adulto introjeta seu sentimento de culpa. A brincadeira agora aparece como um ato que merece castigo.

Segundo Mendes e França (2012), a vivência traumática é isolada no psiquismo, sem assimilação ao restante dos conteúdos psíquicos, assim consegue-se controlar a angústia. Porém, decorre dessa atitude um desligamento entre o ego e a realidade que pode encontrar expressão na exigência de submissão de si próprio e nas perversões, através da repetição estereotipada, em ato, dos abusos sofridos.

Essa estratégia do psiquismo na qual o ego fica obrigado a seguir os comandos do invasor para tentar se livrar de sua tirania e perseguição está ligada a repetição compulsiva do trauma e atrelada a uma diminuição da atividade psíquica (SALES; OLIVEIRA e PACHECO-FERREIRA, 2016).

Como exemplo do mecanismo da identificação com o agressor, pode-se citar as cenas da vida de Odette quando adulta em que, durante suas viagens com a companhia de dança, ela tem relações sexuais com muitas pessoas indiscriminadamente e faz uso abusivo de drogas, o que a atrapalha em suas apresentações. Ela cai na cama exausta por diversas vezes em decorrência dos atos autodestrutivos.

Apesar de conseguir trabalhar, Odette vive uma rotina caótica e precisa fazer comerciais dos quais ela não gosta para se sustentar, dando a impressão de que em parte ela deixa a vida levá-la.

Ferenczi (1992) escreve que o choque traumático leva a aniquilação do sentimento de si e que o desprazer no ato traumático cresce e exige uma válvula de escape, como a autodestruição, o que parece consonar com Odette sem rumo e confusa em sua vida adulta.

Outra passagem que mostra Odette identificada com seu agressor é sua história com Lenny, seu namorado. Ela o conhece e o chama para ver sua apresentação naquele mesmo dia. Ela lhe pergunta se ele quer transar com ela, e ele diz que quer conhecê-la primeiro.

Os dois iniciam um relacionamento e, com o tempo, passam a morar juntos.

O relacionamento é instável devido as atitudes esquivas de Odette, como sumir por dias e não responder as mensagens de Lenny. Quando passa no teste para trabalhar em uma companhia internacional, ela não lhe conta. Quando ele descobre, os dois brigam e ela o agride. Novamente, Odette se coloca em situações masoquistas, reeditando a cena traumática.

Para Mendes (2011), nesse arranjo da identificação com o agressor, entende-se que o ego, mesmo submetido e maltratado, é preservado em alguma medida.

5.3 Clivagem

Como defesa diante da angústia, pode-se pensar em uma clivagem. Para Ferenczi (1992), de um lado, há uma identificação com o agressor, em seu descontrole e em sua culpa; porém um núcleo sensível resiste.

No mesmo sentido, Ferenczi (1931) afirma que na clivagem da personalidade, uma parte da pessoa desempenha o papel de pai ou mãe da outra parte. Para ele, há a resistência passiva de uma parte que se opõe às agressões externas, mas ao mesmo tempo tem uma parte sensível e destruída e outra que sabe tudo, mas nada sente.

No caso de Odette, ela toma atitudes impulsivas e assistindo o filme, tem-se a impressão de que ela está a mercê dos acontecimentos de sua vida, porém é possível pensar que é o núcleo sensível de Odette que procura psicoterapia, e, mesmo com seus altos e baixos e vivendo em uma vida instável, sempre volta, conseguindo construir um vínculo com a terapeuta.

Em uma cena, Odette dança na frente de um grupo que está fazendo um curso de dança. É uma performance muito densa e expressiva. O professor lhe diz que sua dança é semelhante a de um sobrevivente dos campos de concentração. Ele também diz que ponto forte de Odette como dançarina não é a técnica, mas a capacidade de sentir. Ela também consegue preservar seu vínculo com a dança, expressando sua dor através dela e se entregando às suas performances.

5.4 O desmentido

Ferenczi (1992) escreve que o trauma acontece em dois tempos. O primeiro é a violência que a criança sofre, e o segundo é o tempo do desmentido, em que um outro não reconhece a violência sofrida por ela, causando uma confusão na criança.

O autor escreve que a criança procura um adulto em busca de um amparo frente a essa experiência desorganizadora e recebe como resposta o silêncio ou a negação do abuso, o que impossibilita a criança de dar um sentido ao ocorrido e confere ao trauma um caráter ainda mais desestruturante.

Sem a ajuda de um adulto para reconhecer o sofrimento e ajudar a criança a dar ao acontecimento algum sentido, a criança fica abandonada às próprias defesas psíquicas.

A criança para de confiar em seus próprios sentidos e emerge então uma angústia inominável, decorrente do desamparo em que ela se encontra. As crianças se sentem física e moralmente indefesas, e, mesmo mentalmente, elas não conseguem protestar. A força e a autoridade esmagadora dos adultos as submetem. (FERENCZI, 1992)

O desmentido ocorreu duplamente para Odette. Seu pai, apesar de gostar muito dela, não percebe o interesse incomum de Gilbert na menina, passando muito tempo sozinho com ela. Em uma cena, um amigo do pai sugere que é estranha essa relação dos dois e o pai justifica dizendo que Odette é a filha que ele não teve.

Em outra cena, Odette está lavando a calcinha suja de sangue em função do abuso. A mãe fica emocionada e entende o sangue como menstruação, exclamando que ela era muito nova. Ela tenta contar a mãe o ocorrido, porém a mãe a interrompe, não a deixando falar.

Quando Odette, já adulta, decide revelar aos seus pais o que sofreu o pai fica muito bravo e quer punir Gilbert, além de culpar-se por não ter percebido o que ocorria “debaixo de seu nariz”. Já a mãe questiona se Odette não poderia ter

entendido errado ou se insinuado para Gilbert, já que ele era um homem bonito e bem-sucedido. Também diz que ele não tem cara de pedófilo. Quando Odette resolve denunciar Gilbert a justiça, a mãe não dá apoio e diz “Tudo isso só por causa de uns dedinhos?”

Na última cena, há as duas atrizes que interpretaram Odette: a adulta e a criança, o que leva a pensar que as duas finalmente se integram. Odette criança está desenhando sobre um fundo preto, enquanto Odette adulta pede desculpas por ter deixado a sua Odette criança abandonada por tanto tempo e pergunta: “Você vem comigo, Odette?” ao que esta, pequena e desenhando, diz: “sim, faz tempo que estou sozinha”. Tal cena corrobora a tese de que a protagonista, clivada em sua personalidade como forma de defesa em relação ao abuso, não entrou em contato com seu núcleo sensível por um longo tempo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o referencial teórico de Ferenczi (1990; 1992) foi suficiente e adequada para analisar as graves consequências do abuso sexual infantil na obra “Inocência Roubada”.

Odette, em decorrência do abuso, desenvolveu defesas psíquicas como clivagem do ego e identificação com o agressor, manifestadas em diversos sintomas, como abuso de drogas, sexo indiscriminado, dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos saudáveis e falta de controle da vida profissional.

Alguns aspectos do filme como a relação de Odette com a terapeuta e seu processo terapêutico de elaboração do traumático não foram abordados devido ao tempo escasso para desenvolvimento do trabalho, porém já há artigos que relacionam as técnicas da terapeuta ao que Ferenczi (1928) chama de “Sentir com” (Ferenczi, 1992, p. 303 *apud* JUNIOR; ERNESTO, 2004), ou seja, a capacidade empática do analista.

Com base nessa postura analítica, o tato e a elasticidade, Ferenczi desenvolve o princípio de relaxamento e neocatarse. Trata-se de criar um setting analítico “à vontade” (1992, p. 59 *apud* LEJARRAGA, 2008), possibilitando ao paciente um maior relaxamento e entrega às associações livres.

Para surpresa de Ferenczi, com essa atitude analítica mais elástica, começaram a emergir, espontaneamente, manifestações histéricas corporais, intensas explosões emocionais, vozes infantis e estados de transe que expressavam vivências traumáticas da infância, o que não poderia ser evocado verbalmente (1992 *apud* LEJARRAGA, 2008).

Segundo Ferenczi (1992 *apud* LEJARRAGA, 2008), às fundadoras da psicanálise de crianças foi necessário introduzir modificações na técnica de análise de adultos, quase sempre no sentido de uma atenuação do rigor técnico. Da mesma forma, para tratar pacientes cujos traumas sobrecarregaram seu desenvolvimento no sentido da psicopatologia, Ferenczi (1992 *apud* LEJARRAGA, 2008) defendeu a necessidade de elasticidade da técnica psicanalítica.

Pesquisar a clínica do traumático, sendo esse outro prisma para analisar a obra “Inocência Roubada” (2019), seria uma possível continuação deste trabalho, a fim de corroborar a importância da compreensão teórico-clínica das ideias de Ferenczi sobre o trauma a fim de orientar o manejo na análise de pacientes que vivenciaram situações traumáticas.

Além disso, outro possível caminho seria desenvolver o conceito de trauma dos autores Freud e Winnicott, relacionando-os a Ferenczi, pois eles podem contribuir para o entendimento das repercussões do abuso sexual na infância e o manejo clínico de pacientes que vivenciaram traumas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes Mitos e Realidade. 3 ed.** Petrópolis, Rio de Janeiro. 2002. Disponível em:

<http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Abuso_Sexual_mitos_realidade.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ARAÚJO, M. (2002). Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**. Maringá, Paraná, v. 7 n. 2. p. 3-11, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ARPINI, D. et al. Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. **Psicologia: teoria e prática.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 88-101, ago. 2012. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BIANCO, O. **Trauma infantil, violência contra a mulher e depressão na vida adulta: um olhar à luz da psicanálise winnicottiana.** 2020. 226 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em:<

<https://tede.pucsp.br/handle/handle/23107?mode=full>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. D. Exposição ao abuso sexual infantil e suas repercussões neuropsicobiológicas. Habigzang LF, Koller S, organizador. **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática.** Porto Alegre (RS): ArtMed, 2012. Acesso em: 12 nov. 2021.

MEC, Ministério da Educação-. **Referencial curricular nacional para educação infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em:<

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2020

CALDEIRA, L. O conceito de infância no decorrer da história. **Educadores**, 2010. Disponível em: <

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2020.

CHOUDHARY, E. et al. Gender and Time Differences in the Associations Between Sexual Violence Victimization, Health Outcomes, and Risk Behaviors. **American Journal of Men's Health**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 254-259, 1 set. 2008. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1557988307313819>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

BRASIL. **Crianças e adolescentes são vítimas em mais de 76 mil denúncias recebidas pelo Disque 100.** Governo Federal. 14/05/2019. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/maio/criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-em-mais-de-76-mil-denuncias-recebidas-pelo-disque-100>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DE OLIVEIRA, V; SARTORI, C. UM OLHAR SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: < <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2522>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FAVERO, A; RUDGE, A. **A noção de trauma em psicanálise**. Rio de Janeiro, 2009. 207p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2009_e8d9808fbf244dfb7ac98e958bbf8c6c.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FAVERO, A; RUDGE, A. Trauma e desmentido. **Psychologica**, n. 50, p. 169-180, 2009. Disponível em: < <http://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/974>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In: **Obras completas Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. IV, p. 97-106. Acesso em: 12 nov. 2021.

FERENCZI, S. Confusión de lengua entre los adultos y el niño: el lenguaje de la ternura y de la pasión. In: **Obras Completas, Psicoanálisis**, Tomo IV, Cap. IX. Tradução de Alessandro José Berloff Tofalini. Editora Espasa-Calpe S.A., Madrid, 1984. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/41247060/sandor-ferenczi-confusao-de-linguas-entres-criancas-e-adultos>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

FERENCZI, S. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1932. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/1OrVLIK0RSc3BkKdC5IRdK9CqG_v1OmnE/view >. Acesso em: 12 nov. 2021.

FLORENTINO, B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922015000200139&script=sci_abstract&tlng=pt>. acesso em: 3 dez. 2020.

BRASIL. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FREUD, S. Hereditariedade e a etiologia das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Imago, v. 3, 1996. 344 p. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud). Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/24484901/freud-vol-3-neurose-e-histeria>>. Acesso em: 28 Jun. 2020.

FREUD, S. In: FREUD, Sigmund . **Conferencias Introdutórias a Psicanálise**. Imago, v. 16, 1996. 502 p. (Edição Standard Brasileira Das Obras Completas De Sigmund Freud). Disponível em:<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:doozzxBXZvUJ:https>

[://www.cefas.com.br/download/1123/+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://www.cefas.com.br/download/1123/+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 28 Jun. 2020.

GABEL, Marceline. **Crianças vítimas de abuso sexual**. Grupo Editorial Summus, 1997. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1Im2NO5AxW0C&oi=fnd&pg=PA15&dq=As+crian%C3%A7as+v%C3%ADtimas,+conseq%C3%BC%C3%AAncias+a+curto+e+m%C3%A9dio+prazo&ots=5i3hfN3lBo&sig=zYBL15PAPYf0dDoXkL4Gopj6PoU#v=onepage&q=As%20crian%C3%A7as%20v%C3%ADtimas%2C%20conseq%C3%BC%C3%AAncias%20a%20curto%20e%20m%C3%A9dio%20prazo&f=false>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

INADA, J; NAFFAH NETO, A. Trauma infantil e crime sexual: uma análise de caso a partir de Freud, Stoller e da linhagem psicanalítica Ferenczi-Winnicott. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei , v. 13, n. 4, p. 1-11, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 nov. 2020.

INOCÊNCIA Roubada. Direção de Andréa Bescond e Eric Métayer. França: Les Films du Kiosque, 2019. 1 DVD (103 min.).

JACUBCZYK, A. et al. History of sexual abuse and suicide attempts in alcohol-dependent patients. **Child abuse & neglect**. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4601637/>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

JUNIOR, Coelho; ERNESTO, Nelson. Ferenczi e a experiência da Einfühlung. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 7, p. 73-85, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/ssnWqNMCsMMNcVzBbrTxGQD/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

LAMEIRA, V. et al. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. **Revista Subjetividades**, Fortaleza , v. 17, n. 1, p. 68-78, jan. 2017 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861>.

LAMOUR, M. Os abusos sexuais em crianças pequenas: sedução, culpa, segredo. In: GABEL, M. (Org.). **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1997. p. 43-61. Acesso em: 12 nov. 2021.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. (1982). **Vocabulário de Psicanálise. 4a ed.** - São Paulo : Martins Fontes, 2001. Disponível em: <<https://edsonsoaresmartins1973.files.wordpress.com/2018/07/laplanche-vocabulc3a1rio-de-psicanc3a1lise.pdf>> Acesso em: 3 dez. 2020.

LEJARRAGA, Ana Lila. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. **Natureza humana**, v. 10, n. 2, p. 115-147, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005>. Acesso em: 12 nov. 2021.

LIRA, M. et al. ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA1. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, 2017.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

MALGARIM, B; DA CRUZ BENETTI, S. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. **Aletheia**, n. 33, p. 123-137, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3495/2604>>. Acesso em: 25 jun. 2020. Acesso em: 12 nov. 2021.

MARQUES, M. **A escuta ao abuso sexual: o psicólogo e o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente sob visão da psicanálise**. Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertação. São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/17191/1/PSO%20-%20Margarete%20dos%20Santos%20Marques.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MELLO, R. et al. A maturação como defesa: uma reflexão psicanalítica à luz da obra de Ferenczi e Winnicott. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, p. 268-276, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/VBSKr4twcSCG8HYHkNYDhzB/?lang=pt>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MELLO, R. et al. Trauma, clivagem e progressão intelectual: um estudo sobre o bebê sábio ferencziano1. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/bT3nWbHDrtmYsyWkVNMgy9F/?lang=pt&format=html>>.

MENDES, A. **Identificação com o agressor: interfaces conceituais e implicações para o estudo da violência sexual infantil**. Repositório Institucional Universidade Federal de Minas Gerais 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8PSGPY>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MENDES, A; FRANÇA, C. Contribuciones de Sándor Ferenczi a la comprensión de los efectos psíquicos de la violencia sexual. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 121-130, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/TTvX3yxH39TJV7yMqyHnTtR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MMFDH, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos-. **Crianças e adolescentes: balanço do Disque 100 aponta mais de 76 mil vítimas**. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/criancas-e-adolescentes-balanco-do-disque-100-aponta-mais-de-76-mil-vitimas>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Apoio Psicossocial. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ministério da Saúde (org.). **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: Norma Técnica**. 3. ed. Brasília- DF: Editora MS, 2012. v. 6, cap. 4, p. 29. Disponível

em:<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

NUNES, A; SALES, M. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciencia & saude coletiva**, v. 21, p. 871-880, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n3/871-880/>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2002). **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.academia.edu/7619249/Relat%C3%B3rio_mundial_sobre_viol%C3%AAncia_e_sa%C3%BAde>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Relatório da Consulta sobre Prevenção ao Abuso Infantil da Organização Mundial da Saúde**. Organização Mundial da Saúde, 1999. Disponível em:<<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/207717/9789241565356-por.pdf?ua=1>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PFEIFFER, L; SALVAGNI, E. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, p. s197-s204, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jped/a/xSpbpyzxKKqQWDBm3Nr6H6s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

VIOLÊNCIA sexual infantojuvenil é tema de encontro internacional. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/violencia-sexual-infantojuvenil-e-tema-de-encontro-internacional>>. Acesso em: 11/12/2021.

RIBEIRO, M. et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, p. 456-464, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v20n2/13.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

ROUYER, M. (1997). As crianças vítimas, conseqüências a curto e médio prazo. In M. Gabel (Org.), **Crianças Vítimas de Abuso Sexual** (pp. 62-90). São Paulo: Grupo Editorial Summus. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=276414&pid=S1677-0471200600010000800024&lng=pt>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SALES, J. et al. Clivagem: a noção de trauma desestruturante em Ferenczi. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 68, n. 2, p. 60-70, 2016. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200006>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SERRANO, S; PEIXOTO JÚNIOR, C. Sobre o trauma: Contribuições de Ferenczi e Winnicott para a clínica psicanalítica. **Tempo psicanalítico**, v. 46, n. 1, p. 161-183, 2014. Disponível

em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000100012>. Acesso em: 12 nov. 2021.

VICENTE, Daniel (2012). REFLEXÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DO ABUSO SEXUAL INFANTIL. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Psicologia: Fund. teóricos, históricos e epistemológicos do pensamento psicológico**. Registro, vol. 1, n.1. p. 1-14, fev. 2018. Disponível em: <<http://portal.unisepe.com.br/univr/wp-content/uploads/sites/10004/2018/03/Caderno-de-Pesquisa-Interdisciplinar-em-Psicologia-Vol.-1-20181-Artigo-1.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

VON HOHENDORFF, J; PATIAS, N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. **Barbarói**, n. 49, p. 239-257, 2017. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/9474>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

WEINMANN, A. Sobre a análise fílmica psicanalítica. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100001>. Acesso em: 12 nov. 2021.

World Health Organization and International Society for Prevention of Child Abuse and neglect. Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence. Suíça: **WHO Press**, 2006. cap. 1, p. 9. Disponível em:<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43499/9241594365_eng.pdf;jsessionid=77FE9FE6E8D9DFF02E99203ED406A3BE?sequence=1>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ZORNIG, S; LEVY, L. Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. **Estilos da clínica**, v. 11, n. 20, p. 28-37, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2020.

APÊNDICE- RELATO DO FILME “INOCÊNCIA ROUBADA” (2019)

O filme começa com Odette pequena brincando de lousa em seu quarto. Miguié, um homem na casa dos trinta anos e amigo de seus pais, chega e pergunta se ela quer brincar de boneca. A menina responde que sim, mas ele diz que é para eles encenarem: ela é a boneca e ele, a garotinha.

Miguié leva Odette ao banheiro e pede para ela não contar a ninguém.

A cena é cortada e no momento seguinte Odette aparece adulta em sua terapia. Pergunta para a analista se ela deveria se sentir melhor por contar isso, ao que ela responde que não basta revelar. Também diz que o sente por toda parte e ainda sente a mão dele. A analista responde “Você sofreu um trauma senhorita”. Odette fica incomodada e corrige para que lhe chame pelo seu nome. A profissional pergunta se isso é importante para ela e passa a chamá-la assim.

A psicóloga diz a ela, na mesma sessão, que vai indicá-la para um colega. Odette se exalta e questiona a psicóloga se era sério, pois achou equivocada a atitude, visto que ela lhe contou que foi abusada. A analista diz que não a está rejeitando e Odette responde que não vai falar com mais ninguém.

Na próxima cena, Odette está relatando mais episódios de sua infância na análise. Ela aparece criança, na aula de dança, onde sua professora quer que ela vá estudar em Paris. A mãe lhe diz que é Gilbert Miguié que vai buscá-la e é para ela ser boazinha. A menina fica incomodada, porém não fala nada.

No caminho para casa, Gilbert tenta ser legal e carinhoso, porém pede que ela abaixe a calcinha. Ele lhe pergunta se ela gosta, e ele mesmo responde que é claro que gosta. A garota fica confusa.

Posteriormente, a cena mostra Odette na terapia sentada na mesa da psicóloga, bem próxima a ela e lhe pergunta se contar os problemas irá ajudar. A analista diz que distância é melhor, porém quando questionada, responde que não disse nada.

Outra cena posterior mostra a mãe de Odette que percebe uma toalha suja pendurada no abajur e pergunta o que é aquilo; comenta que está toda melada (Gilbert usou-a para se limpar). A menina responde que não é nada, então a mãe fica muito brava e briga por ela ser desorganizada. Miguié liga para ela perguntando se pode levar a menina a uma viagem nas montanhas. A mãe, ainda brava, pergunta a Odette se quer ir às montanhas com Miguié. Ela responde que não, ao que a mãe responde: “Então você vai!”

A menina viaja com Miguié e seus filhos. No meio da noite, ele a acorda Odette para molestá-la. Em um momento, ela manifesta dor e ele pede para ela não fazer barulho. A menina diz que doeu e ele a contradiz: “Não doeu, é gostoso sentir cócegas”.

Como se Odette ainda estivesse no acontecimento, a analista aparece do lado dela enquanto as duas observam a cena do quarto e Odette pergunta se ela está bem. A psicóloga responde que sim, apesar de estar visivelmente abalada.

A próxima cena é de Odette lembrando quando se mudou a Paris ainda criança porque passou na seleção de uma companhia de dança famosa. A janela de seu quarto dá para rua, ela vê um menino passando e se apresenta. Eles viram melhores amigos. Na fase adulta, Odette conhece os amigos dele que são traficantes e usa droga pela primeira vez, virando uma usuária de drogas.

Em seguida, Odette aparece adulta em uma aula de dança, quando é solicitada para fazer uma improvisação. Em sua performance, Odette dança de forma visceral, bastante expressiva. Seu professor diz que não teve técnica nenhuma, mas muita emoção. No final da aula, ele procura Odette e fala que ela dançou como uma garotinha em estado de sofrimento, e pergunta se ela já falou com alguém.

A próxima cena mostra Odette criança, lavando uma calcinha cheia de sangue. A mãe acha que ela está menstruada, e começa a falar de forma verborrágica. A menina começa a falar que precisa contar-lhe algo, porém ela interrompe.

A partir daí o filme mostra como essa turnê com a companhia de dança foi caótica para Odette. Odette aparece transando com muitas pessoas de forma indiscriminada e usando cogumelos entre uma apresentação e outra. Em um determinado show, Odette aparece sob efeito de substâncias e com roupa errada, mas mesmo assim quer entrar no palco. Ao final desse ano de turnê em que ela faz uso abusivo de drogas, Odette retorna para a terapia e consegue dizer a analista que não é culpada, e sim inocente. Além disso, também revela ao melhor amigo que foi estuprada. Esse fica consternado e a questiona se é por isso que ela fica histérica quando bebe. Pela primeira vez usa a palavra estupro.

Depois disso, o filme mostra Odette e mais duas amigas fazendo um trabalho de dança. Ela lhes conta que foi estuprada de uma forma abrupta e desajeitada,

porém depois é revelado que isso é uma fantasia que Odette contou a analista. Ela lhe responde que a aceitação na fantasia é um avanço.

Nesse mesmo evento, ela conhece seu futuro namorado. O rapaz se interessa por ela e ela lhe chama para ir na apresentação de seu musical. No final, os dois se encontram e ela fica surpresa que ele não quer levá-la para casa dele, e sim a um jantar. Odette pergunta: Para sua casa, não quer transar comigo

Em outra cena, ela aparece em sua casa com o namorado, quando ela diz em tom de brincadeira que não é muito bonita, é chata e vulgar. Na mesma conversa, ele diz a ela que ela foge quando ele tenta se aproximar mais afetivamente e ela responde que gosta de estar com ele. Ele fica muito surpreso, pois ela não consegue demonstrar seus sentimentos a ele, sendo muito lábil no relacionamento.

Após isso, Odette o leva para jantar com seus pais. Logo que chegam, sua mãe critica o último comercial que ela fez, e também manifesta seu desconforto com o fato de eles irem morar juntos. A mãe também diz que estavam em um hotel junto com Gilbert Miguié. Nesse momento, Odette aparece criança sentada à mesa, no lugar onde estava Odette adulta.

Ela conta aos pais que passou no teste para participar de uma companhia de dança que sempre quis fazer parte e por isso teria que ficar anos fora, e seu namorado fica chateado porque não ficou sabendo disso.

Na discussão, o namorado diz que ela esconde coisas dele que está com raiva. Para se reconciliar, Odette diz para eles irem para casa fazer amor. Ele diz que nunca sabe se ela estará lá quando ele acordar e está cansado dela desaparecer por dias.

Em outra cena, Miguié entra no quarto de Odette pequena no meio de uma festa e pergunta se ela quer brincar. Quando ele diz que está decepcionado e triste com ela, ela apenas dá um suspiro longo e vai.

O filme retorna ao presente quando Odette depois de muitos anos visita a casa da família, onde estão Miguié, seus filhos e netas. Odette olha as netas dele preocupada com que aconteça a mesma coisa com elas.

Depois que a festa acaba, Odette finalmente resolve contar aos pais o que aconteceu. O pai fica transtornado e se pergunta como ele conseguiu deixar passar com tudo acontecendo debaixo de seu nariz. A mãe, mais uma vez, desmente a filha. Sugere que ela pode ter interpretado errado e fica preocupada com o que vão

pensar da família e de Gilbert, um homem bem casado e com filhas. Também pergunta à Odette: “Tudo isso por causa de uns dedinhos na vagina”

Odette decide denunciá-lo pelo crime de pedofilia ocorrido há mais de 20 anos e descobre que ele já é fichado por outros casos. Sua mãe vai à delegacia também, porém diz a ela que acha errado mandar alguém para o abatedouro e que é para poupá-la dos detalhes, pois ela não está pronta para ouvi-los. Diz também que ela não está pensando na família dele ao fazer isso.

Odette liga para o ex namorado e diz que precisa dele naquele momento. Ele vai buscá-la e depois a leva para o Tribunal, onde vai haver o julgamento. Nessa memória, assim como em outras relatadas na análise, a analista aparece na cena. Nesta, ela aparece sentada na última fileira de bancos. Gilbert é julgado e condenado pelo estupro de Odette e sua irmã mais nova.

A mãe dela vai a sua sessão de análise para que elas possam tentar reparar a relação mãe e filha, a partir da insistência de Odette, que diz a ela que não inventou isso para se sentir viva, ao contrário do que ela pensava. A mãe responde que a analista precisava ouvir a versão de outra pessoa e não sabia porque ela ainda estava indo na psicóloga, já que Gilbert já tinha sido condenado.

Em um determinado momento da sessão, Odette diz a mãe que ela não liga se a mãe pensa que é mentira, porque ela sabe pelo que passou e agora quer gritar para o mundo, e que ela não vai ser uma morta viva. Na hora de ir embora, Odette dá um abraço surpresa desesperado em sua analista, que corresponde ao ato.

Saindo da análise, Odette encontra uma porta colorida com flores e abre. do lado de dentro, encontra sua versão criança desenhando. Odette adulta pega em sua mão e pergunta "Você vem comigo". A criança responde que sim, pois está sozinha há muito tempo. Odette adulta pede perdão por havê-la abandonado por tanto tempo e diz que a culpa não foi dela.